

POTENCIAL ECONÔMICO DO BOVINO PÉ-DURO

José Herculano de Carvalho¹

A raça bovina pé-duro ou curraleira, produto secular da adaptação a condições adversas, é dotada de excepcional rusticidade, além de ser muito dócil. Sua seleção e utilização em cruzamentos, inclusive para a formação de novas raças, poderão permitir a exploração econômica de pastagens naturais em áreas desfavoráveis, principalmente na zona semi-árida do Nordeste. É uma raça que poderá ser de muita utilidade para o pequeno produtor rural, fornecendo-lhe carne, leite e animais de trabalho, sem necessidade de grandes investimentos na infra-estrutura da propriedade.

Segundo levantamentos do Ministério da Agricultura, existem, no Nordeste, grandes extensões de terra do grupo 5 de aptidão agrícola, ou seja, aquelas que, para seu uso sustentável, são recomendadas apenas como pastagens naturais, para silvicultura ou como área de preservação da fauna e da flora, não devendo, portanto, ser ocupadas com lavouras ou pastagens cultivadas. Apenas na Bahia, Piauí, Maranhão, Ceará e Pernambuco, as terras do grupo 5 de aptidão agrícola ocupam, respectivamente, 12.157.024, 10.227.904, 8.320.579, 7.174.901 e 3.171.545 de hectares, correspondendo, na mesma ordem, a 21,71%, 40,76%, 25,63%, 48,02%, e 32,27% da superfície de cada estado (Brasil, 1979a, 1979e, 1979c, 1979b e 1979d).

Uma maneira racional de utilizar essa vasta superfície é através da criação de espécies animais e raças adaptadas. O gado pé-duro e seus mestiços constituem, sem dúvida, uma alternativa para essa utilização.

Para tanto, é necessária a realização de um programa de melhoramento genético da raça pé-duro, contemplando os seguintes itens:

a) Cruzamento com raças zebuínas de corte, tais como a guzerá, a nelore, a gir e a indubrasil, visando obter animais de maior peso, adaptados a essas pastagens naturais, principalmente aos diversos tipos de caatinga, e com bons índices reprodutivos.

b) Cruzamentos com raças leiteiras como a jérsei, a holandesa, a parda suíça, a guernsey, etc, para a obtenção de vacas mais resistentes, com maior adaptação ao calor e a uma alimentação de menor qualidade.

c) Seleção da raça, procurando-se manter sua resistência e obter animais de maior porte, e, de preferência, vacas com razoável produção de leite, para o consumo das famílias rurais.

Deve-se salientar que, para o êxito desse programa, é necessário que sejam tomadas as providências possíveis para conservar os rebanhos remanescentes da raça pé-duro e aumentar o seu atual efetivo.

¹Eng. Agr., M.Sc., Pesquisador da Embrapa/CPAMN. Caixa Postal 01, CEP 64006-220 Teresina, PI.
Endereço eletrônico: jhcarv@cpamn.embrapa.br

Diversos cruzamentos, realizados por criadores, das raças pé-duro e outras como a nelore, a gir, a holandesa e a jérsei mostraram resultados promissores. No sul do Piauí, cruzamentos de nelore ou gir com pé-duro deram animais com uma média de 203,4 kg de carcaça aos 3,5 anos, com um mestiço meio-sangue de nelore e pé-duro atingindo o máximo de 284,0 kg de carcaça (Hélio..., 1984). Na Chapada Grande, na zona central do Piauí, Roeder (1988) observou que as melhores vacas leiteiras são as mestiças de gado holandês e pé-duro. E, em Goiás, o cruzamento das raças pé-duro e jérsei originou uma vaca rústica e com boa produção de leite (Lourenço, 1994).

Há necessidade, porém, de que essas avaliações sejam continuadas através de experimentos bem planejados e com um maior número de reses. É notável a heterose obtida em alguns cruzamentos. Um exemplo disso foram os resultados obtidos por Rubio (citado por Wilkins, 1984), cruzando as raças holandesa e crioula costeira de chifres (da Colômbia). Nas condições do experimento, a produção, por lactação, foi de 1950 kg de leite, na holandesa, e de apenas 396 kg, na crioula costeira de chifres, saltando para 2000 kg na F₁ (meio-sangue). A crioula costeira de chifres é uma raça de origem ibérica, à semelhança do gado pé-duro. Será que a raça pé-duro não é capaz de permitir um cruzamento com resultado semelhante?

O pequeno porte do gado pé-duro é o principal motivo alegado para quase levá-lo à extinção. Entretanto, raramente são mencionadas as difíceis condições a que os animais dessa raça são submetidos. Raças melhoradas, adaptadas a boas pastagens, se mantidas nas mesmas condições oferecidas ao gado pé-duro, em pouco tempo, terão seu peso reduzido e o desempenho reprodutivo negativamente afetado.

Na Fazenda Experimental Octavio Domingues, da Embrapa, em São João do Piauí (zona semi-árida), alguns machos pés-duros, em melhores pastagens, atingiram cerca de 400 kg de peso vivo, aos três anos de idade. Para uma raça cujo tamanho é o principal argumento para ser menosprezada, é um número significativo, que mostra seu potencial para a seleção.

Por outro lado, é importante acrescentar que a capacidade de produção de uma raça não depende apenas do peso individual dos animais, sendo fundamentais os índices de natalidade e de mortalidade. Um rebanho de animais mais pesados, porém menos prolíficos e com maior percentagem de mortes, resulta em menor produção de carne. Além disso, uma mesma pastagem pode garantir a alimentação de um maior número de animais de porte mais reduzido. Portanto, um índice mais adequado para avaliar o desempenho de uma raça bovina em pastagem é sua produtividade anual por unidade de área.

A produtividade, por hectare, do gado pé-duro e de seus mestiços não foi ainda experimentalmente comparada à de outras raças, nas mesmas condições, em pastagens naturais do Nordeste. Entretanto, observações feitas por criadores indicam um desempenho promissor do gado pé-duro nessas pastagens.

Acrescente-se ainda que, segundo informações de criadores e de técnicos, o gado pé-duro é muito menos suscetível que outras raças bovinas a plantas tóxicas como o barbatimão (*Stryphnodendron coriaceum*) e a erva-de-rato (*Palicourea marcgravii*), qualidade extremamente desejável a animais criados em pastagens naturais onde essas espécies ocorrem.

Também com base em informações de criadores, a carne do gado pé-duro é de excelente sabor. Por se tratar de uma raça rústica, em que o uso de produtos químicos, como carrapaticidas e medicamentos, é reduzido, poder-se-ia criar um mercado diferenciado para essa carne, principalmente levando-se em consideração a tendência mundial de valorizar cada vez mais os produtos naturais.

Além disso, em qualquer tipo de atividade econômica, os custos de produção constituem um relevante fator a considerar. A propósito, o pesquisador Assis Roberto de Bem fez esta sugestiva pergunta: "Quem garante que não se produza mais carne por hectare com animais pequenos porém pouco suscetíveis a doenças? Com certeza, os custos cairiam muito. Só em 1995, o País gastou US\$ 900 milhões com produtos veterinários" (citado por Franco, 1996).

É claro que diversas observações aqui citadas precisam ser aprofundadas, para a obtenção de dados mais fidedignos, principalmente envolvendo um maior número de animais nesses estudos. Esse trabalho demanda a participação conjunta da Embrapa, de universidades, de instituições estaduais de pesquisa, de criadores e de suas associações, além de outras organizações e pessoas interessadas.

Finalmente, é importante esclarecer que as atividades desenvolvidas pela Embrapa para a conservação do gado pé-duro não são antagônicas à criação de outras raças bovinas. Seu objetivo principal é conservar um recurso genético que poderá ser de grande utilidade no futuro, além de ser uma opção atual para a pecuária em ambientes desfavoráveis.

IN MEMORIAM

À memória do grande pesquisador e amigo Assis Roberto de Bem (1950-1997), que tanto contribuiu para a conservação dos recursos genéticos animais no Brasil, dedico este modesto trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Nacional de Planejamento Agrícola. **Aptidão agrícola das terras da Bahia**. Brasília: BINAGRI, 1979a. 140 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Nacional de Planejamento Agrícola. **Aptidão agrícola das terras do Ceará**. Brasília: BINAGRI, 1979b. 108 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Nacional de Planejamento Agrícola. **Aptidão agrícola das terras do Maranhão**. Brasília: BINAGRI, 1979c. 112 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Nacional de Planejamento Agrícola. **Aptidão agrícola das terras de Pernambuco**. Brasília: BINAGRI, 1979d. 98 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Nacional de Planejamento Agrícola. **Aptidão agrícola das terras do Piauí**. Brasília: BINAGRI, 1979e. 106 p.
- FRANCO, M. "Arca de Noé" abriga as raças em extinção. **DBO Rural**, São Paulo, v.15, n. 189, p. 66-72, jun. 1996.
- HÉLIO Paranaguá: o exemplo que vem do Piauí. **Agropecuária Tropical**, Recife, n.38, p. 18-20, set./out. 1984.
- LOURENÇO, M. Preservação: relíquias de quatro patas. **Globo Rural**, São Paulo, v. 9, n. 99, p. 22-26, jan. 1994.
- ROEDER, R. Pesquisas sobre a pecuária nos planaltos da chapada (relatório técnico) Teresina, DNOCS, GTZ, 1988. 125 p.
- WILKINS, J.V. Criollo cattle of the Americas. **Animal Genetic Resources Information**, Rome, n.1, p. 1-19, 1984.